



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE
DO SUL

23 anos do IHTRGS

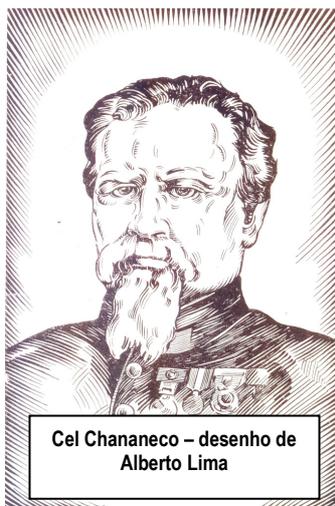
Ano 2009

Nº 79

UM CORONEL CARRETEIRO

Carlos Fonttes(*)

Quando o historiador e particular amigo ALCY CHEUICHE lançou, no ano de 2004, a obra **“Chananeço – a história de um carreteiro”**, através da “Oficina de Criação Literária”, em parceria com os autores CARLOS CASSOL, LUCAS ZAMBERLAN, LUIZ HUGO BURIN e REMALDO CARLOS CASSOL, sobre a figura histórica e pouco conhecida do Cel VASCO ANTONIO DA FONTOURA CHANANEÇO, enviei aos autores do referido livro uma crônica que foi publicada na cidade de Caçapava.



Cel Chananeço – desenho de
Alberto Lima

Chananeço teria nascido na localidade do Cerrito do Ouro, que pertencia, na época, ao município de Caçapava do Sul, hoje de São Sepé. Fez-se homem com a rusticidade do campo, conduzindo carretas carregadas de cal para as cidades vizinhas, até o momento em que começou a Guerra do Paraguai.

Homem de poucas letras, porém autêntico gaúcho das revoluções passadas, conduzia seu trabalho carregado de recordações guerreiras quando, deixando para trás sua velha carreta e família, engajou-se nas forças do Cel Andrade Neves, já no posto de tenente, que se deslocavam para Uruguaiana, a fim de assistirem à rendição de uma força paraguaia nessa vila.

Participou da guerra, após o brilhante feito de nossas forças em Uruguaiana, até receber as dragonas de Tenente-Coronel, Comandando o 1º Corpo de Exército, no Paraguai.

Ao biografar a vida do Brigadeiro honorário do Exército BENTO MARTINS DE MENEZES (Barão de Ijuí), ainda no prelo, comentei na referida obra certo episódio que aconteceu no dia 6 de junho de 1869, com Bento Martins e Chananeço, que teriam recebido ordens do escalão superior para fazerem a retaguarda da tropa brasileira recolhendo as famílias necessitadas, sendo colhidos de surpresa, no dia 8, por uma emboscada inimiga.

Na obra referenciada, que tem por título “O Leão do deserto”, transcrevi uma correspondência que se encontra em nosso poder, do 1º Sargento PEDRO RODRIGUES PORTUGAL, sobrinho de Bento Martins, enviada a seus familiares em Uruguaiana, que narra o acontecido com Bento Martins e Chananeço, durante essa emboscada:

“... Na travessia do desfiladeiro de Sapucay, em que se achavam Bento Martins e Chananeço, empenhados em combate, com artilharia e infantaria, não desanimaram. Mediram com a segurança do olhar de águia o perigo do momento e decidiram rapidamente pelo combate. Lanças em riste, espadas em punho, chegando as esporas às ilhargas dos cavalos, enfrentaram a grande massa inimiga, que já então os cercava, saltando por cima das linhas, redutos e trincheiras e ganharam a fuga, deixando os paraguaios extáticos,

confusos e deslumbrados, diante da audaciosa investida da Cavalaria Riograndense. Não se ouviu mais notícias deles. Ao chegarem os restos da expedição, uma angústia se apoderou de todos, pela perda desses dois valentes cavalarianos.

Ao ser narrada em Ordem do Dia, pelo Comandante das Forças Brasileiras em Operações a perda desses bravos, sua Alteza não pode deixar de lamentar a dúvida que ainda pesa sobre a sorte de alguns, dos que faziam à retaguarda da coluna e, entre os quais, sente profundamente ter de mencionar os nomes do Cel Bento Martins de Menezes, Comandante da 8ª Brigada de Cavalaria e do Ten Cel Vasco Antonio da Fontoura Chananeco, Comandante do 1º Corpo...”.

Nossos dois personagens, juntamente com um punhado de bravos, passaram longos dias perdidos e isolados da tropa quando, para surpresa de todos, reaparecem acompanhados de seus comandados de infortúnio.

Desse episódio, tanto Bento Martins como Chananeco, em Ordem do Dia nº 19, de 16Jun1869, do acampamento em marcha, no Quartel General em Pirayu, foram agraciados com a Medalha Militar do Mérito e Bravura Militar, em plena formatura geral da tropa, sendo elogiados pelo Conde D’Eu, Comandante em Chefe de todas as forças brasileiras em operações na República do Paraguai.

O Coronel Bento Martins de Menezes retornou da guerra no posto de Brigadeiro Honorário do Exército, recebendo o título nobiliárquico de “Barão do Ijuí”, ao passo que o Coronel Vasco Antonio da Fontoura Chananeco, ao retornar à sua querência de Caçapava do Sul, continuou a tocar sua carreta para seu sustento, ficando esquecido na história.

Com o lançamento da obra referenciada em sua memória, nos parece se estar resgatando a vida do Cel Chananeco para que não permaneça somente como o “Coronel carreteiro” na história. (Transcrito da obra no prelo “O Leão do Deserto – Brigadeiro Bento Martins de Menezes – Barão de Ijuí” – deste autor).

(*) Delegado da Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil – Uruguiana - RS

Os HUNOS - Átila, o Flagelo de Deus

Dr. Frederico Euclides Aranha(*)

Por volta do ano 400 de nossa era, hordas de tribos de diversos povos – suevos, hérulos, vândalos, godos e outros, estavam sendo impelidas pelos **HUNOS**, desde o leste, através dos Alpes, causando um movimento geral dos bárbaros para o sul. Em 410, oitocentos anos depois do primeiro saque de Roma pelos celtas, em 390 a.C., *Alarico* capturou a cidade. Os danos e o choque causados pelo saque generalizado foram tremendos.

Durante alguns anos após pairou sobre a região uma espécie de paz não declarada. Os vândalos se estabeleceram na África, os burgúndios na Borgonha, os francos no norte da França e os visigodos, após terem saqueado a Itália, firmaram um trégua com o Império e foram fundar reinos na Espanha e no sudoeste da Gália. Parecia que os povos da Europa poderiam respirar aliviados. No entanto, em meados do século V, a mais terrível das invasões caiu sobre o mundo mediterrâneo.

Sob o comando de um grande *khan* – **Attila**, cognominado “flagelo de Deus” - os hunos foram organizados em um vasto exército e lhes foi dado um objetivo. Durante séculos, este povo de hábeis ginetes havia estado em contínuo movimento. Os chineses os conheceram como os *hiung-nu* e, sob a dinastia dos *Han*, entre os anos de 239 a.C. e 39 d.C., haviam repellido suas tentativas de invasão e os rechaçado para o Oeste, mais precisamente para o norte do Mar Negro, além do Volga. Todos os povos do Oeste que os conheciam, tanto bárbaros como romanos, sentiam por eles terror e repugnância. No passado, os desorganizados hunos haviam lutado nos exércitos bárbaros – havia hunos com o exército godo em Adrianópolis – e até como auxiliares romanos - e unicamente a pressão de seu número havia efetivamente ocasionado guerra. Mas, agora, os asiáticos faziam guerra aos europeus de maneira deliberada, unida e sistemática.

Um soldado e historiador romano contemporâneo *Ammianus Marcellinus*, citado por Montgomery, traduziu assim suas impressões sobre os hunos:

“A nação dos hunos... ultrapassa a todos os demais bárbaros quanto ao seu modo selvagem de vida... Todos eles... têm membros fortes e harmoniosos e esplêndidos pescoços. Sem embargo, são

portentosamente feios e tão corcundas que se poderia tomá-los por uma espécie de bestas bípedes. Sempre vagando... estão habituados a suportar desde a infância todos os extremos de frio, calor, fome e sede... Parecem presos aos seus cavalos que são duros e resistentes, se bem que de feia estampa e mal humorados, e sobre os quais cavalgam com muita paixão... Todo o homem desta nação vive dia e noite a cavalo... a cavalo se alimenta e bebe e, ao chegar a noite, inclina-se sobre o estreito pescoço de sua montaria e ali cai em profundo sono... Quando são atacados, as vezes se engajam em batalha regular. Então, entrando em combate em ordem regular de colunas, enchem o ar com variados e desordenados gritos de guerra. Com mais freqüência, entretanto, lutam sem ordem regular de batalha; mas, sendo rápidos e imprevisíveis em seus movimentos dispersam-se e logo voltam a se juntar rapidamente em formações flexíveis... Necessário reconhecer que são os mais ágeis dos guerreiros...”

Provavelmente os hunos não eram tão numerosos quanto parecia. Sua ferocidade e feiúra, que os faziam parecer diabólicos ou subumanos, representavam uma valiosa arma de guerra psicológica. Sua incrível mobilidade, tanto como nação migratória em contínuo pé de guerra, tanto como força tática, os fazia devastadores. Seus cavalos eram capazes de galopar 30 km sem descanso e percorrer 160 km por dia; sua soberba maestria em cargas velozes e retiradas e as nuvens de flecha que lançavam era demasiado até para a cavalaria gótica. Sua arma principal era o arco composto de dupla curvatura: media de 75 a 120 cm de envergadura e consistia basicamente de um “coração” de várias peças de madeira coladas, reforçadas na frente e atrás por lâminas de chifre (de cervos, antílopes, oryx, ibex, bovinos, etc.) combinadas com tendões de animais (selvagens e domésticos), tudo devidamente colado (a cola era elaborada com um colágeno proveniente de órgãos de peixes), o que lhes emprestava grande elasticidade. Os hunos eram flecheiros de assombrosa precisão; o alcance útil dos arcos era ao redor de 200 m e os disparos tinham grande poder de penetração, até 3 cm de osso humano e requeriam grande força para distendê-los. Os hunos não portavam escudos, preferiam as armaduras leves de placas de couro e muito poucos usavam capacetes de metal, de ferro ou bronze. Suas armas, além do arco, eram espadas de ferro, adagas e punhais - comprados ou tomados aos outros povos - já que não tinham oportunidade de trabalhar os metais -, a lança, os dardos e o laço de couro; as pontas das lanças, dos dardos e das flechas eram de osso, ferro ou bronze. Uma tática notável na luta corpo a corpo consistia em travar o inimigo com o laço e então usar a espada, a adaga ou o punhal. A espada era portada com ou sem bainha, verticalmente no lado esquerdo do corpo, presa ao cinturão; a adaga era carregada horizontalmente em uma bainha na retaguarda da cintura; o punhal era portado na bainha, presa a um dos antebraços do guerreiro.

Attila converteu-se no grande chefe do império huno em 433. Sua primeira medida foi afrouxar o domínio sobre ostrogodos e escravos, entre o Don e o Danúbio, e sobre as tribos germânicas do Danúbio mais a oeste. Durante alguns anos se contentou em assolar seu próprio império, cobrando tributos e taxas de proteção dos povos situados na periferia e ceder seus guerreiros como mercenários; no entanto, entre 440 e 447, invadiu os Bálcãs. Encontrando duríssima resistência, Átila passou a mirar mais a oeste. Na Páscoa da Ressurreição de 451, os hunos atravessaram o baixo Reno em balsas e avançaram sobre Orleans. Os visigodos da Aquitânia uniram-se aos romanos sob o comando do General *Flavius Aetio* e na batalha que se travou em *Châlons*, na planície da *Champagne*, considerada uma das batalhas decisivas da história, derrotaram e rechaçaram os hunos e seus súditos aliados – lombardos, hérulos e ostrogodos. Sobre a batalha, autor desconhecido informou que foi ***atrox multiplex immane pertinax*** (atroz e tenaz complexa e vasta). *Aetio* não explorou a vitória, deixando de perseguir o inimigo com medo de que destruindo os hunos os visigodos se tornassem muito poderosos. O resultado foi que no ano seguinte **Attila** invadiu o norte da Itália. As enfermidades, o avanço dos reforços imperiais procedentes do Leste e a atuação diplomática do Papa Leão I detiveram-nos. Em 453, **Attila** tomou nova e bela esposa, morrendo na noite de núpcias, após vários dias de bebedeira, em consequência da ruptura de um vaso sanguíneo; há versões que afirmam ter sido assassinado pela jovem. Segundo comentaria mais tarde *Chaucer*, lembrado por *Montgomery*:

*“Recordem-se daquele **Attila**, o grande conquistador,
morto caiu em sonhos, com afronta e desonra,*

*sangrando pelo nariz, na sua embriaguez:
um capitão deve viver sempre em sobriedade”.*

Na opinião de Montgomery, o episódio dos ataques hunos, apesar de chocantes em razão da violência sem limites, da crueldade inusitada e da destruição sistemática praticadas, foi registrado de forma exageradamente melodramática. Se as forças da Europa, segundo ele, houvessem se organizado antes para combater os hunos, teriam facilmente dispersado os invasores até pelo simples peso do seu número. Os exércitos que se opuseram a eles nos Bálcãs e o que finalmente os derrotou eram compostos de tropas dispersas e mediocres. **Attila** lutou na planície da *Champagne*, em terreno por ele mesmo escolhido, fato que deveria convir ao estilo guerreiro dos hunos. Foi, sem dúvida, um grande líder, de notável personalidade, para conseguir unir semelhante povo e conduzi-lo por tanto tempo. Era, evidentemente, um bom chefe militar de um povo asiático, mas quando enfrentava uma força disciplinada, bem comandada, seus dotes militares de caudilho eram insuficientes. No entanto, era capaz de comandar manobras espetaculares. *Keegan* ressalta a capacidade de Átila “*de mudar seu centro estratégico de ação – **Schwerpunkt**, como a doutrina do estado maior prussiano denominou-a mais tarde – do leste da França para o norte da Itália numa distância de oitocentos quilômetros em linha reta e muito maior na prática, pois estava operando ao longo de linhas externas. Uma manobra estratégica como essa jamais fora tentada nem seria possível antes. Essa escala de liberdade de ação estava no centro da revolução da cavalaria*”. Com o desaparecimento de **Attila** o império huno, que ocupava um território limitado a oeste pela atual Alemanha e a leste pelas estepes da Ásia Central, ao norte pelo Mar Báltico e ao sul pelo Danúbio, desintegrou-se quase que imediatamente.

A derrota dos hunos não salvou Roma, pois em 476 *Odoacro*, general hérulo, comandante de um exército “romano” composto inteiramente por bárbaros, incluindo grande contingente de hunos, despojou-se de escrúpulos e derrotou *Romulo Augustulo*, pondo fim ao Império Romano do Ocidente. À sua vez, foi eliminado pelo general ostrogodo *Teodorico* que instalou em *Ravenna* um reino altamente civilizado.

Os eventos relacionados com as invasões dos hunos foram da maior importância e de graves consequências para o mundo de então. Trata-se do primeiro assédio organizado dos povos montados da estepe ao ocidente. *Keegan* considera o que talvez fosse a verdadeira motivação primeira dos hunos: *durante o período de 440 a 450 as províncias orientais do império pagaram a eles cerca de seis toneladas de ouro para comprar a paz. Esse tipo de transação desperta dúvidas sobre a interpretação das incursões dos povos nômades da estepe em termos de ‘fuga das mudanças climáticas’ ou ‘imposição do comércio’. A verdade parece ser muito mais simples: os nômades – fisicamente robustos, logisticamente móveis, culturalmente acostumados a derramar sangue, eticamente tranqüilos quanto a tirar a vida ou limitar a liberdade dos estranhos à tribo – aprenderam que a guerra valia a pena. Se as conquistas feitas pela guerra podiam ser mantidas, era outra questão.*

Apesar do desaparecimento súbito dos hunos da história os povos montados da estepe haviam chegado, e continuariam a ser no milênio seguinte uma ameaça sempre presente para as civilizações da Europa, do Oriente Médio e da Ásia.

(*) O autor é membro-efetivo da AHIMTB/IHTRGS

Fontes de Consulta

ANGLIM, S. *Fighting Techniques of the Ancient World, 3000 BC ~ AD 500*, N. York, Thomas Dunne Books, 2002.

GRANT, R.G. *Soldier*, London, DK Books, 2007.

HOLMES, Richard Ed. *Weapon*, DK Books, London, 2008

FULLER, J.F.C. *Military History of the Western World*, 3 v., New York, Da Capo Press, 1996.

----- *Armament & History*, New York, Da Capo Press, 1998.

GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano*, São Paulo, Cia. Das Letras, 2005

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*, São Paulo, Cia. Das Letras, 2006.

MONTGOMERY of Alamein, Field Marshall. *A History of Warfare*, Glasgow, William Collins, Ltd. 1968.

WARRY, John. *Warfare in the Classical World*, London, Salamander Books, 1995.

Internet:

<http://enciclopedia2.thefreedictionary.com> - <http://www.awesomestories.com/biographies/attila-hun>

